



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração - Calçada do Combro, 28-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. teleg. Tathaba - Lisboa • Telefone: 12
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O II Congresso Operário Nacional

A sessão inaugural efectua-se em meio de extraordinária animação

A atitude do operariado de Coimbra -- O parecer da comissão revisora de mandatos -- O hino da "Batalha" cantado por centenas de delegados

Com enorme concorrência de congressistas, representando os mais importantes ramos da actividade do país, iniciou-se ontem em Coimbra o 2.º Congresso Operário Nacional.

Eufusivas saudações dos trabalhadores chegados de toda a parte, com as flâmulas rubras dos seus corações abraçados de ideal, sublinharam carinhosamente sessão inaugural pondo no vasto hemicílico uma vibrante nota emotiva.

E a primeira vez, depois dos notáveis sucessos mundiais trazendo consigo o fermento da Revolução proletaria, que os trabalhadores portugueses realizam a sua assemblea magna, desta vez toda impregnada do forte espírito demolidor que sacode as potestas e oligarquias.

Deve ter perpassado em todos os congressistas o frémio emplagante da hora presente, tam cheia de promessas renovadoras. E certamente há de sentir-se nas suas palavras o vibrante acento inspirado no triunfo das grandes ideias lá fora.

E' inegável que tudo mudou depois da guerra, e disso se ressentem o operariado, dando às suas reivindicações uma ampla base social fora do estreito corporativismo de classe.

As nossas esperanças orientam-se para uma realidade definida. Há uma finalidade bem concreta no extremo das nossas idealizações. Somos os imediatos precursores dum nova humanidade regenerada. E deste Congresso vai certamente sair o grande movimento ressurgidor que há de levar-nos a melhores destinos.

As primeiras notícias que nos chegam, ainda quentes da emigração das primeiras horas, são deveras consoladoras e hão de corresponder à expectativa geral do operariado que vê na futura Confederação o sólido organismo ofensivo para a grande e decisiva batalha.

De Lisboa a Coimbra

dora do congresso, secretariado por Miguel Corrêa, ferroviário e António Gomes Amaral. -Especial.

O discurso de abertura

COIMBRA, 13. - O presidente, Manuel Joaquim de Sousa, sauda os congressistas em nome da comissão organizadora, e faz ressaltar a grande necessidade de efectuar-se uma larga obra de organização proletária. Faz votos por que os trabalhos daquela magna assemblea resultem importantes e proveitosos. Afirma ser necessário trabalhar, mas com consciência e com inteligência para que os ideais operários, transportados para a realidade, mudem a face do mundo num aspecto de indiana beleza. -Especial.

E' eleita a comissão revisora de mandatos

COIMBRA, 13. - Apóia o discurso inaugural, é nomeada a comissão revisora de mandatos. Constituem-na os seguintes camaradas: Maciel Barbosa, da indústria mobiliária; Joaquim Cardoso, pela Federação da Construção Civil; Jerônimo de Sousa, pelos fabricantes de calçado; e Clemente Vieira dos Santos, dos gráficos. -Especial.

Os congressistas entoam o hino de "A Batalha"

COIMBRA, 13. - Interrompida a sessão inaugural para que a comissão revisora de mandatos se desempenhasse da sua missão, os congressistas entoaram entoaram, calorosamente, o hino de "A Batalha". A sessão reabre às 18.40, procedendo-se então à leitura do

Parecer da comissão revisora

sora

que faz alguns reparos sobre a legitimidade de certas delegacias, entregando a solução desses pontos difíceis ao Congresso. O parecer motiva objecções e observações dos delegados Sá Júnior e Roberto de Carvalho. E' seguidamente apresentada uma proposta, pela qual ficaria suspensa a sessão para permitir um repasto aos delegados. Manuel Afonso combate essa proposta, dai resultando uma certa agitação na assembleia. Acalmado porém este passageiro incidente, a proposta é submetida à votação, sendo aprovada. -Especial.

Entrelaçam os companheiros de viagem distribuem alguns exemplares que trouxeram, com viva satisfação dos leitores, desejosos de notícias.

Chegamos a Coimbra. Os congressos das indústrias do Calçado, Coiros e Peles, e Construção Civil terminaram hoje tendo os seus trabalhos sido coroados do maior êxito.

A realização do congresso, que estava marcada para o teatro Sousa Bastos, foi transferida para o teatro Avenida, em virtude daquele não oferecer as condições necessárias para a efectivação da grande assembleia.

A União dos Sindicatos de Coimbra edita um manifesto

COIMBRA, 13, às 14.25. - A União dos Sindicatos Operários desta cidade editou um manifesto entusiasmado convidando o povo trabalhador a assistir ao congresso, e salientando a importância das resoluções a tomar. Teve este apelo um êxito absoluto, porquanto o operariado coimbricense se mostrou evidentemente interessado por esta magna reunião. -Especial.

Saudado o Congresso

O quadro tipográfico de "A Batalha" encontra-se na mesa do Congresso o seguinte telegrama:

Presidente Congresso Operário Nacional - Teatro Avenida, Coimbra. -O

NOTAS E IMPRESSÕES

O BARBEIRO

E', na maioria dos casos, um estabelecimento triste, insuportável. Parece que naquela atmosfera empastada de sabonete ordinário e água de colónia de três ao vinte - mais água do que colónia, como dizia a senhora da anedota - paira um odor a intrujo, de mistura com um cheiro nauseante a gudeita encapada, que nos faz vacilar no limiar da sonolenta cafurna. Entra-se; e no aspecto chatido da freguesia que se mira nos espelhos, caprichosamente bisuteados, divisa-se, a um tempo, o desejo de se ver dali para fora e o receio de que, chegada a vez, se agonie com tanta volta e reviravolta que, pacientemente, terá de dar para ser agradável ao oficial, uma criatura de enorme gasolina aparatada ao meio, numa recta impecável, e que usa, além duns perfeitamente dispendiosos modos efeminados, um fedorento cosmético, prazer da sua costura e suplício de quem the caias nas unhas. O patrício é, geralmente, dum tipo completamente oposto. E', quase sempre, uma coisa de pés compridos e vistos curtos, que supre a falta de agilidade com uma abundância de paleó, a respeito dos mais variados assuntos - porque é quasi um enciclopédico - no inventário de distrair, e às vezes acordar, a cabeceante fila humana, que é possível ter adormecido com o nariz em cima do último crime sensacional, narrado pelos de grande informação, depois de ter lido, pela quarta vez o primeiro fascículo do Conde de Monte-Cristo que, há seguramente três semanas, era aborrecidamente de cadeira para cadeira.

E' indiscutivelmente, uma casa de sono, lúgubre, triste, solitária, com os seus numerosos espelhos, onde os frequentes se retratam com a barba crescida e os ruins sentimentos também, com as suas escovas, a que é preciso juntar as do dono da loja, os seus pentes, os seus bigodes frisados - aberto ou fechado? - os seus inúmeros placards anuncianto os mais variados elixires, desde o vistoso cartão que reclama a loção mais afamada até à conhecida dams que, em roupas brancas, se preparam para lavar os dentes com pasta Couraça e se ri para a gente a preto e em tricô-mia, ao lado do calendário dumas das mais rebentadas companhias de seguros, tam numerosas como as torturas inflingidas pelos barbeiros aos mortais.

Tudo aquilo é imbecil. Ou se há de dormir ou se é forçado a ouvir asseclas, entre caretas de dor e bocejos de tédio, escutando atentamente o mestre, que nos põe para ali em pratos limpos, com uma fidelidade davadosa - a navalha incomoda? - a vida de todos os moradores do sítio, tam intui a freguesia como os tormentos por que o fazem passar, explicando tim tim por

que é a conduta da visinha do 26, que acaba de ser abandonada pelo seu marido com quem vivia há oito anos, e os desgostos da mãe dela que acaba de entrar no hospital, desenganada dos médicos.

Não sei quem foi o homem célebre que confessou dever metade do seu prestígio ao barbeiro. Talvez tivesse razão. Um homem barbeado, embora mal vestido, vale certamente mais - também não descontino bem a razão do fenômeno - do que Robinson Crusoe com barba de trinta centímetros e cabelos de palmo e meio. Mas essa vaidade paga-a a humanidade de bem cara no potro do Fígaro, que racha, corta, mexe, arrepela, golpeia, puxa, repuxa, molha, esfrega, empoa, fazendo de tudo isto com um horrível sangue-frio e uma meticolosidade tam martirizante que nos assombra o desplante com que ele recebe - ainda por cima! - dinheiro por todo este macada, e o descarramento com que espere uma gorgata de vintem para engrossar o miserável salário.

Fazer a barba é pior, trinta vezes, do que provar um fato com emendas, e vale mais ouvir a pé firme uma cégada do que suportar um corte de cabelo. não há dívidas, sobretudo se a freguesia que não sabe acabar, porque às duas por três meteu os pés pelas mãos - apetite italiano e alguns conventos servidos aos carolas de França, será inglês; superintendência de Constantinopla e dos famosos estreitos; domínio da Arménia; confiscação da Mesopotâmia, tam rica em promessas.

Do passagem, tem a Inglaterra o cuidado de se não esquecer, à sua esquerda, da Geórgia e do sul do mar Cáspio, que foram russos, mas cuja posse fechou à Rússia o caminho da Inglaterra.

O campião do Direito bem recompensado

O que diz um deputado francês

Comparando, em *La Vérité*, o que o dia e garante aos petroleiros de Londres - que o sr. Lloyd George bem conhecere - riquezas inauditas.

"Mas dão Cáspio ao golfo Pérsico, devia ainda a estrada do Cairo a Calcutá um Estado, um pobre Estado, antigo, arcaico, fracassado e em desordem a Pérsia, que em verdade não era turem russa, mas, caso raro, ainda persa. Ou quais? Pois já em 1907 sofría a Pérsia uma zona inglesa ao sul e uma zona russa ao norte, conservando apenas uma zona persa, ao centro. Toda a Pérsia fica sendo, não só zona inglesa, mas protectorado britânico, em virtude do tratado de 9 de Agosto último, imposto ao rapazote que é o seu fantomático soberano.

"A Inglaterra domina agora, sem contestação nem freio, todos os caminhos, todas as passagens dos mares, a fiscalização suprema deles e a quase totalidade do frete disponível; para um inglês, os mares só são livres quando o pavilhão britânico é quasi o único que neles tremula.

"Os tratados com os pedaços da Áustria-Hungria, a Bulgária e a Turquia, sobretudo o que mais se referirá à falecida Turquia, do que será concluído com ela, continuará a extensão do poderio inglês. Ah! Bonaparte sonhou partir do Cairo para ir as Índias ferir o poderio britânico no ponto da sua força económica e da sua fraqueza estratégica? Pois a Inglaterra não se esquece. Do caminho do Cairo a Calcutá está ela fazendo uma estrada exclusivamente inglesa.

"O plano inglês é dos mais claros. O que na Ásia Menor era turco, - à exceção de migalhas abandonadas ao futebol, em vidas de realizar no séc. XX um império mundial igual ao que Roma levava a cabo no mundo conhecido da antiguidade.

E ainda o escritor não insiste nos fins económicos da intervenção inglesa na Rússia - além dos poços de petróleo do Cáucaso, a que o artigo faz uma ligeira alusão.

Em suma, trata-se dum desinteresse do campeão do Direito e dos Pequenos Povos (assim o proclamavam durante a guerra os seus ministros... e os tontos) que se faz pagar generosamente. Mas aquilo não é imperialismo, oh! não! O Rule, Britannia é... poesia lírica e sentimental, ao lado do brutal canto de guerra dos teutões - *Deutschland über alles*.

DA COMPETÊNCIA DA INSTITUIÇÃO PARLAMENTAR

PARLAMENTARISMO OU SINDICALISMO?

O que pensa a este respeito o partido socialista português?

Depois que, por mera casualidade, quem interessam. As resoluções corporativas não tem - pelo menos por uma forma directa - um carácter coercitivo. O mandato dos deputados é revogável em qualquer altura; e aqueles são eleitos por assembleias homogéneas de profissionais, onde se faz uma verdadeira seleção natural das competências.

Os senhores vão agora dizer-me que a instituição parlamentar é suscetível de passar por todas estas transformações sem que por isso deixe de ser um parlamento; e que, afinal de contas, sob o ponto de vista etimológico, é tão legítimo chamar *vôdoo* a um que anda no exercício de uma profissão, ou *mariola* a outro que já foi a *Setubal por mar*, como é legítimo chamar parlamento a uma assembleia de deputados das associações de socorros mutuos. Simplesmente as palavras servem para traduzir conceitos e, se lhe vamos a dar uma tal elasticidade, acabamos por nos não entendermos. Se pelo facto de se poder transformar uma esfera num cubo, faltando-a segundo determinadas leis, desatássemos agora a trocar os nomes daquelas duas formas geométricas, toda a gente se riria de nós.

Deixemo-nos, pois, dêsses bisantinismos de linguagem e encaremos o problema de frente.

E' ou não verdade que a instituição parlamentar não dá garantias de competência administrativa?

E' ou não verdade que a organização sindicalista obvia largamente a este inconveniente e facilita a solução dos mais apitos?

Que pensa o Partido Socialista Português acerca da organização social que há-de substituir esta decrípita sociedade capitalista? A nova organização deve ser sindicalista ou parlamentarista?

Uma vez isto assente, lá irei aos outros pontos que *O Combate* trouxe à tala da discussão e que eu reputo muito interessantes e muito dignos de serem discutidos. Situações e maneiras de pensar que se esclarecem, mal entendidos que se desfazem, posições que se definem bem claramente, tudo isto é, a meu ver, extraordinariamente útil. De modo que, sempre que as minhas ocupações me deixem dois momentos livres, eu cá volto ao assunto, comentando, sem rancor nem fobia socialista, os artigos de *O Combate*.

A QUINTANILHA.

União dos Empregados no Comércio de Lisboa

Na Áustria Hungria Perseguições governamentais

Comissão pró-presos por questões sociais

Reuniu esta comissão para apreciar os trabalhos da sub-comissão que ontem foi falar com o director da polícia de Segurança do Estado a respeito do governo de Bela Kun fez com que se descobrissem cartas do ex-imperador exprimindo a confiança que lhe dava o ex-director da polícia a não poder atender, pedindo-lhe a referência de um diretor da polícia a não fazer, procurar uma porta por onde se lhe pague, metodizar, em suma, a discussão. Com efeito tratavam os meus artigos apenas um aspecto do problema - a questão da competência da instituição parlamentar, na sociedade de hoje e na de amanhã.

Pois a pretexto desses artigos, onde os redactores do diário socialista quiseram ver um ataque à tática eleitoral por eles adoptada, fazia *O Combate* os mandatos dos deputados serem revogáveis em qualquer altura; e aqueles são eleitos por assembleias homogéneas de profissionais, onde se faz uma verdadeira seleção natural das competências.

Os senhores vão agora dizer-me que a instituição parlamentar - pelo menos por uma forma directa - tem um carácter coercitivo. A assembleia parlamentar ocupa-se de todos os assuntos que dizem respeito à vida social dum povo, sejam elas de interesse geral, ou local, ou meramente técnicos.

Entendemos-nos! Quando falei de parlamento referi-me a essa instituição que todos nós conhecemos, para mal dos nossos pecados, e que tem as suas características próprias. Assim os deputados são eleitos - admitimos que o são, de facto, e que os não nomeiam ali no Terreiro do Paço - mas são eleitos, dizia eu, por sufrágio universal, isto é, pela massa global, heterogênea, dos eleitores dumada região. Os mandatos dos deputados não são revogáveis e as decisões do parlamento tem um carácter iminentemente coercitivo. A assembleia parlamentar ocupa-se de todos os assuntos que dizem respeito à vida social dum povo, sejam elas de interesse geral, ou local, ou meramente técnicos.

O sindicalismo, ao contrário, como doutrina de organização política e económica, é caracterizado por uma profunda descentralização administrativa, de modo que não só os problemas de carácter profissional sejam resolvidos pelos profissionais, mas ainda que as questões de interesse regional sejam tratados directamente por aqueles a

que dizem respeito à vida social dum povo, sejam elas de interesse geral, ou local, ou meramente técnicos.

O sindicalismo, ao contrário, como doutrina de organização política e económica, é caracterizado por uma profunda descentralização administrativa, de modo que não só os problemas de carácter profissional sejam resolvidos pelos profissionais, mas ainda que as questões de interesse regional sejam tratados directamente por aqueles a

que dizem respeito à vida social dum povo, sejam elas de interesse geral, ou local, ou meramente técnicos.

O sindicalismo, ao contrário, como doutrina de organização política e económica, é caracterizado por uma profunda descentralização administrativa, de modo que não só os problemas de carácter profissional sejam resolvidos pelos profissionais, mas ainda que as questões de interesse regional sejam tratados directamente por aqueles a

que dizem respeito à vida social dum povo, sejam elas de interesse geral, ou local, ou meramente técnicos.

O sindicalismo, ao contrário, como doutrina de organização política e económica, é caracterizado por uma profunda descentralização administrativa, de modo que não só os problemas de carácter profissional sejam resolvidos pelos profissionais, mas ainda que as questões de interesse regional sejam tratados directamente por aqueles a

que diz

II Congresso Nacional da Construção Civil

A grande reunião de Coimbra, afirma poderosamente a vitalidade da classe

Na 3.ª sessão, discute-se a tese "Uniformidade de Salários"

Com a presença de todos os delegados foi aberta a sessão às 8,10, sob a presidência do camarada António Júlio Pires, da Construção Civil de Beira, secretariado pelos camaradas João de Deus Simões e Custódio Peleiro, respectivamente delegados da Construção Civil de Belém e Sindicato Único das Classes de Construção Civil de Coimbra.

A acta da sessão anterior foi posta à aprovação tendo sobre ela pedido a palavra grande número de delegados.

Foi Joaquim Cardoso o primeiro a usar da palavra para aclarar que, no Congresso, representa a Federação da Construção Civil e não a Associação de Vila Franca, como consta da acta, isto em virtude do parecer da Comissão Revisora dos Mandatos.

Propunha-se Joaquim Cardoso fazer mais algumas considerações, mas o presidente na intenção de não se perder tempo, lembrou que as observações a fazer sobre a acta fossem feitas por escrito, o que foi aprovado. Algumas emendas foram apresentadas nestas condições apesar do que o presidente convocou os camaradas nomeados para constituir a mesa da sessão a ocupar os seus lugares, ficando a presidir Joaquim Francisco, das Associações de Soure, e a secretário João da Silva e Raúl Carreira, respectivamente delegados da Construção Civil de Belém e de Amadora e arredores.

Antes de entrar na ordem dos trabalhos, o presidente aconselha que os delegados sejam o mais concisos possível nas suas considerações a fim de não prolongar os trabalhos do Congresso.

Procede-se então à leitura do expediente que consta de telegramas dos operários das obras da Escola Machado de Castro, saudando o Congresso e fazendo votos pela emancipação dos trabalhadores; do jornal *A Batalha* saudando os congressistas e pedindo desenvolvidas informações telegráficas; das Obras do Conservatório, saudando os congressistas pelo seu terceiro congresso e fazendo votos para que seja um facto a emancipação dos que trabalham.

Sobre uma proposta de Marcelino da Silva, respeitante às informações telegráficas a enviar à *Batalha*, diz Joaquim Cardoso que há uma grande dificuldade em assegurar o serviço de informação pois que pelo telegráfo é muito difícil em virtude da estação telegráfica fechar muito cedo e que, pelo telefone é impossível visto os serviços não estarem convenientemente montados porquanto a *Batalha* continua ainda sem telefone.

A tese Uniformidade de Salários

Em seguida é convidado o camarada Manuel Soares, relator da tese *Uniformidade de Salários*, a fazer a sua leitura, após a qual o presidente propõe que a discussão seja feita na especialidade. Sendo aprovado, o relator procede à leitura do seguinte:

Questionário

Deve a Federação Nacional dos Operários da Indústria da Construção Civil:

a) Encetar um movimento tendente a fazer abrir trabalhos por conta do Estado.

b) Dar efectividade à Bolsa, bolsins de trabalho e respectivas comissões técnicas, habilitando-as a tomar conta dos mesmos.

2.º Após fazer vingar o dia normal de oito horas deve, lutar-se para que em todo o país os salários sejam iguais para todos os operários da indústria.

3.º Deverão os salários ser completamente uniformes ou deverão atender-se de terra para terra aos preços das casas.

4.º No caso de atender-se a esses preços e no caso provável de conseguirem a abertura de trabalhos por conta do Estado, deverá ter-se a mesma atenção, os salários deverão ser iguais aos de Lisboa?

5.º Para que tal se possa levar a efeito devem os sindicatos de indústria darem imediatamente ingresso na Federação Nacional, formando-se outros nascimentos onde os não haja?

Sobre o n.º 1, e alíneas a e b fala João Caldeira que lamenta que os camaradas da Construção Civil de Coimbra se não tenha imposto ao Estado para que sejam iniciadas as obras do Manicômio do Sena, para as quais não só já estão votados 270.000 escudos como também está nomeado o responsável pessoal técnico, evitando-se assim que os camaradas de Coimbra se tivessem lançado num movimento de aumento de salário que os fôrça a invadir Lisboa. Lembra que os camaradas de Coimbra poderiam tomar conta do mesmo trabalho, bem como da construção da Escola Industrial Brotero para a qual já há verba, a exemplo do que estão fazendo os camaradas de Lisboa. Termina por aconselhar os camaradas da Coimbra a não esperarem tudo do Estado, incitando-os a lutar pelo seu direito de salubridade pública, o que muito atenuaria a crise e influiria nos salários.

Sobre o mesmo número do questionário falou também Manuel dos Santos, delegado dos pintores de Marmore, de Lisboa, como presidente e secretariado por João Bernardo Alcanena, dos sindicatos de Evara e Artur da Costa Pereira da C. C. de Cascais.

Por proposta de Manuel Soares, resolveu a assemblea ir em massa saudar o congresso de Coiros e Peles, que havia iniciado há pouco os seus trabalhos.

Para ordem dos trabalhos da próxima sessão foram marcados: a discussão dos estatutos da Federação Nacional da Indústria.

A sessão foi encerrada às 16,30, entre entusiasmados vivas à emancipação do proletariado.

Encerra-se a sessão

O presidente propôs que antes de se encerrar a sessão fôssem dados 30 minutos para discutir qualquer assunto de interesse. Sendo aprovada esta proposta fala Manuel Alexandre, delegado dos pintores de Lisboa, que diz lavrar grande desmoronamento nalgumas obras do Estado, nomeadamente na do hospital do Despacho, visto que ali deram ingresso indivíduos sem consciência que ainda prende as classes humildes à República é a crença ingénua de que ela é um passo para uma outra organização social mais equitativa e mais justa.

No dia em que, perante a realidade, essa crença se desfizer — a República está virtualmente morta! Não percebemos porque é que desilusão permanece há de levar-nos ao integralismo monárquico, quando afinal, demonstraram-no os factos, foi o sindicalismo revolucionário que a falência da democracia levou as classes trabalhadoras.

O integralismo é uma teorização política nefelibata, passatempo ameno de uma dúzia de intelectuais, muitos deles com incontestável valor literário, que transfiguraram para aquas bizarrias aristocráticas de Charles Maurras, George Vallois, Jean Rivain, e o marquês de la Tour de Pin. É uma infeliz diversão abstrata, com seu preceito vincto estético, inacessível à alma dos trabalhadores que não compreendem tais exotismos e marcham a passos largos para a era nova socialista.

A BATALHA

Os livros e os autores

Entre duas reacções, por Dantas Baracho, vol. IV, J. Rodrigues & C.ª, Editores, Lisboa.

O sr. Dantas Baracho foi nos seus tempos uma distinta figura parlamentar, honrando as clássicas tradições no aticismo e virtuosidade, na polémica e na crítica. A eloquência do sr. Baracho é variegada, fertilíssima de pitoresco e abundante. Nos seus discursos há muito desde as odes de Horácio às sátiras de Tolentino, com faro recheio de epigramas de lavra própria.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Não teve o sr. Baracho simpáticas pela República nascente, abandonando logo, a vida pública, e no isolamento fomos os cidadãos que resistiu.

Cada vez mais pôs a sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e demolidora encarniçado sistemática e implacavelmente no combate sem tréguas aos erros políticos dos estadistas monárquicos.

Estas memórias do sr. Baracho reflectem admiravelmente a vida política dos últimos tempos da monarquia com todos os seus crimes e desvãos. Não teve o regime deposito no seu oco mais perfírias adversário, embora o sr. Baracho, apesar de liberal e democrata, nunca se declarasse republicano nem fizesse propaganda subversiva contra as instituições realistas. Mas todos os actos dos governos monárquicos passavam-los no crivo fino da sua crítica iconoclasta e dem

CONTOS DE «A BATALHA»

Um regenerado

- Adeus, adeus!... E as silhuetas dos dois velhotes, afastaram-se a passo lento, e o lenço vermelho do meu pai foi o último a desaparecer na bruma daquela manhã de Outubro. Fiquei-me ainda por momentos contemplando o branco novo que acabaria de os tragar... Lá iriam eles por essa estrada fora, tremendo frios, curvados pelos anos para a terra húmida.

Senti-me só, muito só, parado ali ao meio do caminho. Olhei em redor. Os

campos abrigavam-se no nevoeiro... a estrada lamacenta e parda, perdia-se naquele manto alvo e frio, como uma mortalha. Que mèdo eu tive daquela solidão; que vontade de voltar, atraí correndo, alcançar os velhos, beijar as faces carcomidas de minha mãe, abraçar o arcabouço ainda largo de meu braço e dizer-lhes: «Fico! Que me importa que a lei que me chama as férias para servir essa Pátria que não conheço! A Pátria, a única e verdadeira Pátria, é tu, meu bom pai, és tu minha mãe, é a pequena herdeira onde vocês se extenuaram ate o envelhecer, os campos onde eu e meus irmãos labutamos todo o Santo dia!»

«O resto não conheço, não sei o que é!»

Ali mas a Lei lá estava inexorável à minha espera, avinhava-a, ali oculta

atrás do nevoeiro, fitando-me com os

seus olhos verdes e invisíveis. Enchi-me

de coragem. Cajado ao ombro, o sa-

quitel dependurado na ponta e lá me

puz a caminho palmilhando quânto-

sem fôr, sempre na direção daquela

brancura fatigante até à estação

onde pela primeira vez esperei o com-

bócio que me conduziria à cidade.

E não tardou; alguns minutos depois

duas luzes sanguentas olharam-me de

longe... lá do horizonte brumoso; e

quem em seguida aquele caminhante

gigantesco parou resfregando e espi-

mundo em frente da estação.

Subi alguns degraus e entrei naquela

massa negra; dir-se-há que uma nuvem

carregada de tristeza ofuscara toda a

claridade que havia ainda na minha

alma de camponês.

O combóio partiu; acoste-me à ja-

nela do vagão e olhei para os lados da

minha aldeia, onde a esta hora, meus

irmãos mais novos e os meus pais

mais cabixabos, pezarios andavam na

faina rural; quis distinguir alguma coisa;

talvez os encalhados se aperce-

bessem daqui? mas nada, nada se vi;

so aquela alvura cegante se obstinava a

entrepor uma barreira invencível; só ela,

branca e impassível, parecia dizer que

já mais voltaria à terra onde trabalhei e

e me.

Que distância imensa vai daquele

camponês ignorante e ingênuo do ho-

mem prevenido pela cidade e pela ca-

serna.

Durante seis anos me conservei em

Lisboa sem que tivesse desejado de beijar

aqueles que, por lá deixei a trabalhar

para mim.

Nos primeiros tempos ainda me as-

altavam saudades pungentes daquela

vida sádica; das moçóis de lenços amar-

relados e berrantes que pulavam com

os bailes e nas vindimas; das feiras

luminosas e plenas de luz; das tene-

broosas noites de inverno passadas ao

conto da lareira escutando histórias re-

camboescas de saiteadores e assassi-

nos...

Mas os camaradas de caserna depre-

sa me arrancavam a devaneios e so-

nhos; arrastavam-me para a taberna

mais próxima onde bebiámos até nos

envolvemos nalguma rixa com fadistas

e prostitutas. Por fim eu próprio quan-

do mal sentia nenhuma ponta da saudade

desabrochar ao canto do meu cérebro

a afoga-lá em vinho, enlameá-la na

companhia de cortezas baratas. E desci

aos anfós mais baixos e mais ignóbeis

da sociedade. Já lá não podia resis-

ter; uma fôrça oculta levava-me,

arrastava-me para aquele turbilhão sujo,

repelente.

Meu pai escrevia-me cartas lamurien-

tas, descrevendo com grandes êrros or-

ográficos o estado lastimoso em que

se encontrava a herdeira; a horrível si-

tução financeira que eu criara com os

meus constantes pedidos de dinheiro

para ver se conseguia — como lhes man-

dava dizer — obter licenças, dinheiro que

eu aproveitava para dormir algumas

noites com uma amante que arranjara

em Alfama. Pobres velhos! Sob as letras

mal lançadas das suas cartas, sob aque-

las virgulas deslocadas, sob aqueles pe-

riódicos sem pontos, eu avinhava que

uma grande tragédia se avinhava. Era-

me, porém, impossível pensar muito

tempo nesses assuntos desagradáveis;

pouco a pouco foram perdendo todo o

interesse, porque já alguns anos cheios

de uma vida febrilmente e muito diver-

gente dos meus olhos... Revi a Pri-

meira, minha mãe morta, meu pai com o

seu grande chapéu de palha, o pequeno

medindo de cabelos claros, e Félix aga-

chado nos canteiros, no meio das afe-

res, espreitando uma toqueira. Revi o

meu professor de estudo, os meus com-

panheiros de escola, e, dominando o tu-

multo de Bullier, Nini, trigueira e des-

grenhada, com os lábios pintados de carmim, cabeleira ruiva e meias cós de

rosa, saindo, flores lascivas, das saias

levantadas pela dança. Depois a ima-

gem de uma mulher desconhecida, de

vestido cós de malva, que eu tinha visto

uma noite, no teatro, no fundo do car-

marote, passava-me pelo espírito, e

uma visão suave e obstinada!

Durante este tempo, os mais válidos

dentre nós tinham percorrido o campo e

as herdeiras. Voltaram alegremente,

carregados de feixes de palha, de galinhas,

de perus, de patos. Um trazia

um porco, outro um carneiro; ainda

outro trazia preso com uma corda, feito

de um porco, um bezerro que resistia

comunicativamente, mugindo e sacudindo o

cofincinho.

Os camponês corriam ao acampamento

para se queixar de que tinham

roubado; eram atropelados e corri-

dos. O general, acompanhado do nosso

tenente coronel, que lhe caminhava à

direita, muito apurado, com os olhos

quase abertos, veio à tarde passar-nos

revista. O seu olhar brilhante, a sua

côr vermelha. a sua voz pastosa

mostravam que tinha almoçado co-

piamente. Mascava uma ponta de charuto apagada, escarrava, sopra-

va, e praguejava sem saber contra quem

meu contra quê, porque não se dirigia

diretamente a ninguém. Em frente da

nossa companhia, fixou o tenente coro-

nel com um olhar severo, e ouvi-o ga-

vejar: «Que porcalhões, estes seus ho-

mens! Em seguida afastou-se, vagarosa-

mente, sobre as pernas curtas que ver-

gavam ao peso do ventre. Iraia umas

botas amarelas, por sobre as quais os

calções vermelhos enrugavam e tufavam

semelhantes a uma saia.

O resto do dia foi consagrado à va-

diagem, pelas tabernas de Bellomar.

Toda a parte à parte viam ajeitamentos

e desordens; de resto, eu conhecia já

bem estes assaltos às tabernas, estas

perturbações violentas do alcôol que

meu vizinho deu sempre

que preferia ir, com alguns camaradas

pacíficos, para a estrada, para longe dos

tabernas, para longe das perturbações

violentas do alcôol que

meu vizinho deu sempre

que preferia ir, com alguns camaradas

pacíficos, para a estrada, para longe dos

tabernas, para longe das perturbações

violentas do alcôol que

meu vizinho deu sempre

que preferia ir, com alguns camaradas

pacíficos, para a estrada, para longe dos

tabernas, para longe

RELATÓRIO

DA

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA U. O. N.

Apresentado ao II Congresso Operário Nacional

(Conclusão)

Uma exortação da U. O. N.

Foi então que a U. O. N., para dar a mais cabal demonstração de que a animava apenas o intuito de lutar por uma menos difícil situação para a classe trabalhadora, provando simultaneamente que não eram as greves, ao contrário do que afirmavam os assambarcadores e os governantes, que motivavam a castração da vida, mas sim desmarcada ganância dos primeiros, aliada à proteção e à incompetência dos segundos; foi então que a U. O. N., diziamos, deliberou fazer uma exortação a todos os assalariados, em manifesto que foi profusamente distribuído no país, documento que impressionou fundamentalmente a opinião pública. Era assim concebida essa exortação. (Segue a exortação).

Este apelo foi tomado na maior consideração pela classe operária e, a provar esta assertão, está o facto de muitas corporações operárias que planeavam realizar movimentos de reclamação de aumento de salário haverem feito o nobre sacrifício de sujeitarem-se a continuar trabalhando nas condições anteriores, esperançadas, como nós os estávamos também, na eficácia dum movimento geral no país.

O relatório da U. O. N. sobre a greve de Novembro

Em relatório especial, já publicado no nosso órgão *A Batalha*, depois de ter sido presente ao Conselho Central, se descreve o que se seguiu, relatório que reproduzimos em seguida: (Segue o relatório da C. A. publicado nos 88, 91, 95 e 102 de *A Batalha*).

Parecer sobre o decreto eleitoral

Em sessão do Conselho Central de 9 de Abril de 1918 votava o Conselho Central o seguinte parecer sobre o decreto eleitoral que consignava a representação das associações operárias no Senado da República. (Segue o parecer). Todas as associações operárias do país respeitaram absolutamente a doutrina deste parecer, excepto a dos Guarda-livros de Lisboa, cuja existência no mundo operário (onde era desconhecida) se afirmou apenas para a nomeação abusiva de dois senadores, atitude esta contra a qual a U. O. N. teve ocasião de manifestar-se publicamente.

A criação do Conselho Jurídico da U. O. N.

Um dos encargos que esta Comissão Administrativa recebera da Conferência Operária Nacional era o de constituir o Conselho Jurídico, que fôr votado em princípio no Congresso de Tomar. Continuamente desviadas as nossas atenções para os camaradas presos por delitos emergentes de carácter económico e social, necessário era tratar da sua situação, para que a sua permanência nas cadeias se não eternizasse, o que nos levou a constituir a referida instituição, que do mesmo passo que nos evitaria uma constante preocupação porque as perseguições aos mais activos elementos da classe operária eram ininterruptas — trataria com a devida idoneidade jurídica da interpretação das leis, tendo ainda a vantagem de responder, pronta e competentemente, às consultas que a cerca de vários diplomas legais, sucessivamente eram feitas à U. O. N. Assim, lançamo-nos com decisão aos trabalhos preparatórios do Conselho Jurídico, promovendo que os sindicatos nos enviassem, devidamente preenchidos, uns impressos para conhecimento da respectiva população associativa, e só depois de havermos desenvolvido uma grande propaganda conseguimos que quasi todos os sindicatos unificados criassem a coisificação de um centavo mensal, por filiado, para a manutenção do referido organismo. Em reunião do Conselho Central, efectuada em 24 de Maio, 7 e 14 de Junho e 23 de Julho de 1918 foi discutido o regulamento do Conselho Jurídico, que ficou assim elaborado, e depois foi impresso e remetido aos sindicatos. (Segue o regulamento do Conselho Jurídico).

O Congresso dirá se tal instituição corresponde ao que dela se esperava. E' nossa opinião que o Conselho Jurídico tem deficiências, não satisfazendo inteiramente, tal como funciona, ao que dele esperavam. Compete, porém, ao Congresso, e não a nós, pronunciar-se liberrimamente sobre o assunto.

A U. O. N. perante os sindicatos mistos

Viu-se a Comissão Administrativa, embaraçada por vezes, perante adesões que recebia de vários sindicatos mistos e de outros que, não o sendo, eram considerados desdobramentos, o que sucedeu sobretudo quando a Associação das Costureiras e Alfaiates externos do Depósito Central de Fardamentos manifestou o seu desejo de ingressar na U. O. N., sindicato esse que era considerado um desdobramento, o mesmo sucedendo em relação aos sindicatos dos Empregados dos Bancos e Câmbios e Empregados de Escritório de Lisboa, igualmente considerados pela Federação Portuguesa dos Empregados do Comércio, como desdobramentos da Associação dos Caixeiros de Lisboa. Em relação à primeira das associações, depois do assunto ter sido largamente debatido no Conselho Central, foi nomeada uma comissão que, avistando-se com os corpos gerentes desse sindicato, diligenciou realizar um entendimento entre o mesmo e os dos alfaiates. Não obteve êxito imediato tal desmarche, mas em consequência daí foi possível aproximar as direcções dos dois sindicatos, que depois trattaram directamente, tendo chegado felizmente a um acordo, em virtude do que foi registada, pouco depois, a adesão do primeiro. Quanto ao sindicato dos Bancos e Câmbios, achamos útil convidar a F. P. E. C. a enviar delegados a uma sessão do Concelho Central (ao qual não é aderente) onde, na presença de representantes daquele sindicato, o assunto foi vivamente discutido, tendo o Conselho resolvido, depois desse discussão, aceitar o ingresso da Associação dos Empregados dos Bancos e Câmbios. Mais tarde, obedecendo ao critério estabelecido, foi aceite a adesão do sindicato dos Empregados do Escritório.

Eram, porém, sucessivas, no Conselho Central, as discussões a propósito da entrada, na U. O. N., de sindicatos mistos, cuja adesão esta Comissão Administrativa, salvo casos muito especiais, entendeu não dever repelir por saber que os Congressos não rejeitaram, até agora, a participação de tais sindicatos nas suas reuniões, norma esta que, como é óbvio, não podia deixar de ser seguida pela U. O. N. Para que o assunto ficasse definitivamente esclarecido, esta Comissão comprometeu-se, perante o Conselho Central, a provocar neste Congresso uma pronúncia clara sobre o assunto, justificando-se assim a tese que a Comissão Organizadora apresenta acerca dos sindicatos mistos.

A classe operária em face dos dois movimentos políticos insurrecionais: os dos republicanos, em Santarém, e os dos monárquicos, no Norte e no Sul do país

Morto Sidónio Pais, cujos governos, que ele directamente inspirava, exerceram sobre a classe operária as mais tremendas perseguições, que desrespeitavam os direitos humanos, os quais poderiam ser olvidados; morto Sidónio Pais, íamos dizendo, sobreveiu o movimento republicano de Santarém, que foi sufocado, perdendo-se assim a esperança de, pelo menos transitoriamente, podermos disfrutar dum relativa liberdade e arrancar ao cárcere muitos camaradas nossos que já se encontravam a maior parte delas vitimas, como os valentes camaradas do Sul e Sueste, da greve de Novembro, e ainda outros deportados em África. Veio depois o movimento insurreccional dos monárquicos, os quais, aproveitando hábitos de situação de predomínio na política portuguesa, que governantes ineptos lhe haviam proporcionado, levaram a efeito, no país, o movimento revolucionário de Janeiro.

Ante esta infame tentativa das forças reaccionárias, o operariado português não hesitou em pegar em armas, tendo-se produzido por essa data, em Lisboa,

entre tantas, uma manifestação que a nossa memória grava indelévelmente: a parada de liberais que, descendo a Avenida, veio significar a um governo de pusilâniames, senão de címplices, como era o que então se aclarava no Terreiro do Paço, que todos aqueles homens, os azorragados da véspera, estavam dispostos a bater-se para que a monarquia não triunfasse. Foram ainda esses homens que, desencadeada em Lisboa, horas depois, a revolução reaccionária pelejaram bravamente, unindo o seu esforço ao dum reduzida fracção das forças militares, para que a República — esta República que tam mal servida tem sido por políticos de pacotilha — não caisse aos golpes traiçoeiros dos monárquicos. Vencidos estes, o primeiro cuidado dos operários com armas foi arrancar os cárceres os trabalhadores que ali haviam sido levados pela sua dedicação à causa operária, parte deles em vésperas de serem enviados para a África nas mesmas ignominiosas condições em que haviam sido os trabalhadores rurais do concelho de Odemira e alguns de outras localidades que, graças à ação da U. O. N. e do seu órgão na imprensa, já regressaram à metrópole.

O aparecimento do diário "A Batalha"

Logo após a revolução, reuniu o Conselho Central, o qual deliberava materializar uma aspiração que vinha de longa data: a publicação dum órgão diário que na imprensa pudesse ser o porta-voz do proletariado organizado. A ideia, acolhida com o mais quente entusiasmo, era convertida em realidade a 23 de Fevereiro, com a publicação de *A Batalha*, cuja direcção foi confiada ao último dos signatários. Da utilização do nosso órgão na imprensa diário o Congresso, como nós, tem acompanhado a sua ação, a qual tem sido orientada pelo estatuto da U. O. N., com uma correção feita recentemente pelo Conselho Central.

O Movimento Operário

Por motivo das receitas para o antigo boletim da U. O. N. *O Movimento Operário* serem assas inferiores às respectivas despesas, não conseguiram as comissões de redacção e de administração desse boletim publicar — e fizeram-no com sacrifício — senão nove números dessa útil publicação, que bons serviços prestou à organização operária. Com o aparecimento de *A Batalha* achámos fôrtil o uso dispensável a sua manutenção que, prosseguir, teria que determinar um aumento de contribuição por parte dos sindicatos, uma vez que a experiência nos demonstrava que a que fôr votada pela Conferência Operária era insuficiente. Pelas razões expostas entendemos deve suspender o referido boletim, o que fizemos, tendo mantido a correspondente coisificação até Março do corrente ano, data em que a comissão administrativa de *O Movimento Operário* conseguiu extinguir o déficit.

A greve do pessoal da C. P.

O maior acontecimento operário dos últimos tempos é a greve do pessoal da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro, movimento que se prolongou durante cerca de dois meses, e em que alguns milhares de trabalhadores resistiram com tenacidade aos propósitos de subversão da Companhia, a qual, de acordo com as oligarquias do comércio e da indústria, conseguiu, mercê do auxílio que lhe emprestou o governo, quer oferecendo-lhe tropa para guardar a linha, quer cedendo-lhe militares para desempenhar uma parte dos serviços, levar de vencida os grevistas, que regressaram ao trabalho confiados apenas na palavra de honra do presidente do ministério de que as suas reclamações seriam examinadas, declaração esta aliás já feita ao iniciar-se o movimento.

Tinha o Sindicato Ferroviário andado muito afastado, até a eclosão da greve, da Central dos Sindicatos Portugueses, atitude essa apenas levemente terrompida, quando da greve de Novembro, em que o referido Sindicato foi, pela U. O. N., convidado a participar do movimento geral, por motivo do que este teve de ser retardado — uma das causas do seu fracasso. Antes e depois disso, o Sindicato Ferroviário, por sistemática disposição dos elementos que o orientavam, ou se conservava absolutamente alheio à U. O. N. ou só destes se recordava para contrariar a sua ação, não sendo raro fazê-lo em notas oficiais, publicadas nos jornais burgueses, confiado de que representava uma força que a si própria já fôrta ao iniciar-se o movimento.

Nesta situação nos veio encontrar a greve daquela importante classe. Como proletários organizados, e compreendendo perfeitamente a justiça da reclamação que agitava os ferroviários, a U. O. N. acompanhou, desde o inicio, com simpatia, o seu movimento, ao qual deu o máximo do seu concorso, primeiro por intermédio de *A Batalha*, nosso órgão na imprensa, que esforçadamente defendeu a causa dos ferroviários — como aliás estes o reconheceram — e depois apelando para os organismos operários no intuito de que estes auxiliasssem monetariamente os grevistas.

Pedi-nos o Sindicato Ferroviário, por intermédio do seu Comité Central, já quando a greve estava virtualmente perdida, e depois de várias individualidades políticas em voga a terem tentado solucionar, que promovessemos um auxílio mais eficaz, isto é, que fossemos até à greve geral, mas a U. O. N., depois de haver ponderado a situação, e reconhecendo que possibilidade não havia de se produzir, naquela altura, um movimento que pudesse ser útil aquela classe, sobretudo quando já estava assente que os ferroviários do Sul e Sueste não se lançariam no pretendido movimento de solidariedade, oficiou ao supramencionado Comité, expondo-lhe a impossibilidade de tentar a greve geral, mas prorrogando-se a influir junto dos organismos operários no intuito de que estes lhes dispensassem a maior solidariedade monetária, o que fez, após a recepção dum novo ofício do Comité, em que este se lastimava de não ter sido atendido o seu apelo no sentido da greve geral.

Não sabemos se davantos os ferroviários da C. P. continuarião na disposição de se manter isolados da organização geral da classe operária, a qual vem de dar-lhes o máximo do seu esforço. Isto dependerá por ventura dos seus futuros orientadores, a quem as lições da experiência terão certamente demonstrado que não há corporação trabalhadora, por mais importante que seja, que possa bastar-se a si própria.

As relações da U. O. N. com os organismos operários nacionais e internacionais

Rapidamente, porque não queremos ocupar por muito mais tempo a atenção do Congresso, informar-vos-hemos que as nossas relações com os organismos operários portugueses, desde os sindicatos as federações, foram sempre amigáveis, não havendo registado, durante a nossa permanência à frente da U. O. N., conflitos com quaisquer deles. Se por vezes — e apenas com poucos organismos isso sucedeu — não estivemos de acordo, nunca nos deixamos contudo conduzir a situações irritantes. Com a 2.ª Secção da União Operária Nacional, particularmente, mantivemos invariavelmente os laços da mais estreita solidariedade, tendo actuado sempre numa ação combinada.

As nossas relações sindicais com as organizações similares estrangeiras são cordiais, embora por virtude da guerra, que tam fundamental veio perturbar o regular funcionamento da vida sindicalista internacional, não sejam tam íntimas como desejávamos, exceptuadas, as que mantemos com as Confederações Gerais do Trabalho de França e de Barcelona, organismos com os quais estamos em intimo contacto, ambos nos tendo assegurado que se fariam representar nesse Congresso, o que, mau grado nosso, não sucede em consequência de ter nesse assemelha ter sido adiada duas vezes por motivo da recente greve farta magna que não obstante a um delegado da segunda, viesse a Coimbra ferroviária, o que tendo podido aguardar aqui a realização do Congresso por motivo da greve de Julho, que expôs ao secretário da Comissão Organizadora, que colhos impôs veio trocar impressões. As nossas relações não só com os supracitados organismos, mas também com as centrais de outros países ter-se-iam senado tratado mais se o nosso delegado ao Congresso de Amsterdão não houvesse

sido impedido de assistir a esse Congresso pelo consulado da França, senão por conserto entre esse consulado e o governo português, caso que oportunamente expuzemos em *A Batalha*.

Um exame retrospectivo

Vamos terminar a nossa exposição, mas não o faremos sem analisar ainda alguns acontecimentos operários, cujos ensinamentos desejariamos fôssem fixados pelo Congresso, posto se nos afigura do mais alto interesse para a organização operária deste país um reflectido exame sobre eles, desse exame dependendo quicô, no futuro, um melhor emprego da ação revolucionária do proletariado português, acção que convém, no nosso próprio interesse, dirigir com mais método e oportunidade, dela não abusando.

Através a nossa accidada permanência na Comissão Administrativa da U. O. N., realizaram-se quatro greves gerais, três delas de solidariedade para com corporações em luta, e restritas a Lisboa e arredores, a quarta — terceira em ordem cronológica — extensiva a vários centros industriais do continente, esta determinada pelas pessimas condições de vida. A primeira, de 10 a 18 de Julho de 1917, traduziu um protesto contra as brutalidades da força armada, representando simultaneamente uma manifestação de apoio aos camaradas da construção civil, movimento de iniciativa da U. O. N.; a segunda, lançada pelo mesmo organismo, de 15 a 18 de Setembro do mesmo ano, significou sobretudo um grande protesto contra as arbitrariedades com que o poder alvejou os camaradas telegrafia-postais, a terceira, de 18 a 25 de Novembro de 1918, foi o movimento pro-reclamações de carácter económico e social da Central dos Sindicatos, e finalmente a última, de 17 a 19 de Junho, um movimento de solidariedade para com os grevistas da Companhia União Fabril, este promovido pela União dos Sindicatos Operários de Lisboa, de acordo com a U. O. N. e as federações de indústria.

Do primeiro desses movimentos, que surgiu quase espontâneo, saiu a U. O. N. airosoamente, porque os operários de Lisboa, profundamente imprestados com a selvajaria da força armada, acorreu em massa a afirmar e sua repulsa pelas violências cometidas. Do segundo — o movimento de solidariedade para com os camaradas telegrafia-postais, cuja unidade e espírito de resistência despertaram as mais vivas simpatias do proletariado e do público, simpatias que se avolumaram consideravelmente quando os governantes mandaram os grevistas para os navios de guerra e para os fortes — saiu a U. O. N. coberta de prestígio, posto que, se não conseguira levar o governo a atender desde logo as reclamações que lhe foram presentes, houve-se, durante a peleja, com tal tacto que a opinião pública viu com o maior agrado a sua intervenção, do mesmo passo que, por vários modos, manifestou sua antipatia para com o governo, que a essa data já estava divorciado do país por virtude da prática de sucessivas violências. Do terceiro dos movimentos lançados pela U. O. N. — o de Novembro de 1918, que tinha por objectivo a baixa do custo da vida — saiu a Central dos Sindicatos mal ferida, porque tal movimento fez-se em ocasião inoportuna, uma vez que a sua eclosão se verificou no momento em que, tendo acabado de firmar-se o armistício entre os representantes dos Estados em guerra, toda-a- gente supunha que, por virtude desse acontecimento, a existência a passar a ser supórtavel, mercê da anuciada baixa de preço nos artigos.

O insucesso desse movimento foi previsto por raros componentes do seu Comité dirigente, cujos raciocínios não conseguiram calar no ânimo da maioria, a qual, não medindo talvez as consequências que dum desastre inevitavelmente adiriam para a U. O. N., para esse desastre caminhou ovante. O desastre deu-se e, mercê dele, a Central dos Sindicatos Portugueses, que havia criado um grande nome, sofreu, no conceito do público, uma diminuição do seu prestígio, passando também a ser olhada, pelos sindicatos menos acostumados a rudes lutas operárias, com um menor respeito. Foi mister lançarmo-nos como que a um trabalho de reconstrução, que *A Batalha* valiosamente tem auxiliado, mercê do que a U. O. N. novamente tem a confiança dos organismos sindicais, como o atesta o presente congresso, e o respeito dos adversários.

A última greve geral levada a efeito em Lisboa, esta promovida pela U. S. O., movimento de apoio aos grevistas da Companhia União Fabril, não concorreu para prestigiar a organização operária. Embora as mais importantes corporações — excluídas as de transportes de mar e terra — tivessem cumprido o seu dever, a previsão, posta por delegados da U. O. N., antes da eclosão do movimento, de que a greve não teria a virtude de levar o industrial Alfredo da Silva a atender as reclamações dos grevistas, realizou-se, com pesar o verificámos. A diminuir sensivelmente o insucesso do movimento veio o gesto grandioso dos gráficos dos jornais diários para com o órgão da U. O. N. na imprensa, mercê do que o desfecho do acto de solidariedade dum parte do operariado de Lisboa teve a atenuar-lo consideravelmente a bela demonstração de consciência dos camaradas que formava a Federação do Livro e do Jornal, aos quais se deve talvez hoje a existência de *A Batalha*.

Uma exortação aos militantes operários

Da singela observação destes factos, cuja repetição tumultuária pode ser assa nefasta para a organização sindicalista, devem tirar-se deduções e ensinamentos para o futuro, competindo aos militantes operários raciocinar maduremente antes de se pronunciarem sobre certos problemas postos ao seu exame.

E' o operariado português, como no-lo atestam tantas demonstrações por ele efectuadas, essencialmente atreito a deixar-se conduzir pelos impulsos do coração que pelo domínio da razão fria. Assim, quando assiste à prática dum injustiça, é intuitivamente levado a manifestar-se inopinadamente contra ela, sem previamente fazer um detido exame à situação, sem reflectir se da forma como a sua intervenção se opõe redundar-ia factíveis benefícios ou prejuízos, quer se trate da sua pessoa ou do organismo operário onde desenvolve a sua actividade. Deixa, em regra, actuar livremente o coração, permanecendo as outras facultades em plano secundário.

Entre nós, operários, o sentimento, que é a expressão mais pura da alma humana, está permanentemente em conflito com a razão, que é a facilidade com que o homem conhece e julga, e assim, estas duas faculdades que, numa ação homogênea, poderiam produ